

SETÚBAL

Escola de humanidade

A partilha aparece também como um reforço terapêutico para as crianças em risco, segundo os detentores da ciência.

Consoante a nossa experiência esta comunhão de corações que se realiza através da distribuição dos dons, é fundamental para o crescimento interior de todo o homem; mais ainda daquela criança que foi privada do afecto que a natureza exige para o seu desenvolvimento: a criança abandonada, maltratada. Já o sabíamos mas a ciência vem confirmá-lo.

A intuição amorosa do Padre Américo no seu debruçar sobre a criança escorraçada descobriu-o

com clareza e imediatamente o pôs em prática: dar à criança uma família.

Como nas Casas do Gaiato se envolve uma multidão de abandonados, nada como fazê-los partilhar da vida toda.

O afecto é o bem mais importante e mais necessário. Os pais e os avós, bem como o resto dos familiares das crianças nascidas na normalidade equilibrada partem e repartem o afecto por força da natureza evidente das coisas. A criança envolvida neste movimento começa também não só a receber, mas também a dar.

Como fazer brotar espontaneamente esta corrente intensa, este fluxo e refluxo

afectivo numa criança que não foi iniciada nele ou dele foi privada total ou parcialmente? Como?!... Se não proporcionando-lhe uma ambiência que a envolva? É isto o que se faz numa Casa do Gaiato.

Não na teoria — chamando Lares àquilo que antigamente eram orfanatos, asilos ou colégios. Hoje chamam-se Lares. Mas a realidade é a mesma. A criança tem comida, mas às vezes não come porque não pode ser induzida a alimentar-se (para não se traumatizar...) e vai vivendo como pode. Tem higiene, tem cuidados de saúde, tem cama e tempo para dormir, mas não tem espaço, sobretudo espaço afectivo.

Numa Casa do Gaiato a área afectiva é tão larga quanto o número de rapazes a preenchem. Os gaiatos são muito amigos uns dos outros. Dão-se e são dados uns aos outros — nos trabalhos, no recreio, nas responsabilidades, à mesa, na oração e em toda a vida com que se tece a comunidade.

Temos presentemente em Casa dois pequeninos de

quatro anos. Mas que delícia para os outros!... Muito gostam todos de brincar com as crianças, de as ameiçar e fruir o seu afecto.

As crianças gozam. Expandem-se e, em pouco tempo, se tornam meigas vencendo as birras próprias de quem é carente.

Várias vezes, encontro os mais velhos a dar-lhes de comer. Autênticas mães em comunhão dolorida com os seus filhos. Os mais velhos crescem. Sentem a sua paternidade. O gosto de dar. De ter paciência. Desenvolvem a ternura latente em seu coração. Intuem a falta da mãe ou

do pai e tentam carinhosamente compensá-la!

A partilha natural do afecto é dos valores mais ricos de uma Casa do Gaiato e a componente mais forte nesta escola de humanidade.

Padre Acílio

BENGUELA

Tanto sangue inocente!

HÁ tanto sangue inocente a clamar por ajuda! Estou a pensar nos bebés que nascem e morrem porque não têm nada. Faló deles nesta quinzena porque têm sido dizimados pela doença e pela morte nos bairros que nos rodeiam. A nossa carrinha tem servido de ambulância, mas não basta. A malária é o maior inimigo. Manifesta-se, muitas vezes, quando já não há remédio para a cura. No hospital não há medicamentos. Nas farmácias há, mas são tão caros para o povo anónimo que não os pode comprar. Sei, por experiência, pelas vezes que tenho ido à busca dos remédios para os nossos rapazes e para aqueles que nos batem à porta.

Em qualquer país, o Serviço de Saúde está nos primeiros lugares das preocupações do Governo com a prática de medidas que vão ao encontro das necessidades do Povo para quem o Governo é. O hospital deve ser lugar de esperança para todos os doentes; mais para aqueles que não têm outros recursos. Assim não é para grande parte da população. Tem medo do hospital porque pensa

que é o lugar da morte. E, morrer por morrer, prefere ficar no bairro.

Esta situação e outras parecidas estão a chamar por corações que amem, de verdade, e queiram dar a vida para que estas crianças tenham vida. É um trabalho de gente preparada, no mínimo, para o serviço com as comunidades. Porque é um serviço que pede muita paciência, pede muita dedicação também. Quem quisera descobrir a sua vocação para fazer o bem, fora dos horizontes limitados e, por vezes, fechados do seu meio, encontrará aqui o caminho para a sua realização humana. Não por toda a vida? Não importa. Dê o tempo de que se julgar capaz.

O mundo precisa de mestres. As teorias para libertar o mundo da vergonha da pobreza, da ignorância, das doenças endémicas e outras misérias, estão proclamadas dum lado e doutro. É preciso descer ao terreno. São os homens que geram as desgraças maiores da Humanidade. Os homens não-de procurar a cura dos males que invocam. São precisos mestres que vão à frente; que dêem lições ao mundo egoísta

com o interesse que tomam pelo bem comum; que não se poupem a distâncias nem a sacrifícios. Trabalham para a Comunidade. Têm o sentido do bem comum. Não aceitam nem pedem nada para si mesmos. Estes são os mestres que não passam o seu tempo com os compêndios nas mãos à procura das regras que mais convêm. O mundo precisa deles. Angola precisa deles.

Há tanto para fazer que é possível cair na tentação dos braços caídos: Estou a lembrar-me do camponês que, ao olhar para os campos à espera da charrua, depois das chuvas pôs-se a dormir porque não sabia por onde começar. Aqui está uma forma de ser preguiçoso. É uma tentação deixar cair os braços diante da imensidade de problemas sociais que esta comunidade humana apresenta. À medida que vou conhecendo,

CALVÁRIO

Pétala caída

JUNTO ao nosso poço deparo com inúmeras pétalas brancas caídas no chão. Tombaram das hastas dos jasmims que cobrem a placa do poço. O perfume que emana dos arbustos é de mel adocicado. Uma delícia!

As pétalas, agora tombadas pelo vento, vão sendo pisadas por quem aqui passa. Uma pena!

Ao vê-las, lembro-me da doente que ontem cheguei. Também ela, ainda jovem, com vinte e quatro anos, era o encanto dos seus quando possuía saúde e juventude. Mas as circunstâncias adversas do seu viver minaram-lhe irremediavelmente a saúde e fizeram-na cair no abandono total. A sua anterior morada foi um hospital.

Com *alta*, porque ali nada mais havia a fazer, ninguém a quis receber em casa. Bem tentaram os Serviços Sociais que ela regressasse à casa materna. Mas nem a família nem qualquer Instituição lhe abriu as portas.

— *Procurámos por todo o lado uma vaga, mas ninguém mostrou desejo de acolher esta pobre criatura* — disseram-me.

Com pouco tempo de vida à sua frente, com demência, cegueira e ausência total de conhecimento e reflexos, está agora num leito do Calvário, quase vegetativa.

Esta rapariga entrou, aqui, silenciosa. Não vai dizer qualquer palavra. Mas a sua presença fala bem alto do Amor que utiliza seres fracos e débeis, como são os doentes que a servem e amam.

É uma pétala caída nos caminhos da vida, pisada e calcada pelos homens.

Pétala caída que agora não mais vai ser calcada.

Padre Baptista



O perfume que emana dos arbustos é de mel adocicado — uma delícia!

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

TRIGÉMEOS — O casal tinha uma vida normal. Ansiava por ter um filho, neste tempo de abortos e tudo o mais.

Ela, porém, sofria de um mal. Por isso, houve necessidade de consultar um obstetra que, depois, encaminhou a mulher para um tratamento com bons resultados. Deu à luz três bebés — duas raparigas e um rapaz!

Apesar da farturinha, pai e mãe ficaram muito contentes, pela novidade — e deram graças ao Senhor.

Entretanto, o marido que exercia profissão na empresa de um despachante, faleceu repentinamente e não teve o gosto de ver crescer os três amados filhos.

Vieram, então, as habituais dificuldades da vivuêz...! Tantas, tais, que seria fastidioso enumerá-las; da alimentação específica dos bebés à sobrevivência da própria família.

Demos a mão. Damos a mão na medida do possível. Os meninos crescem aos cuidados da mãe natural que procura amenizar o calvário da sua vida pela generosidade dos nossos Leitores.

VOZ DO PAPA — Dirigida a governantes:

«A justiça há-de ser a preocupação essencial dos governantes; uma justiça que não se contente dar a cada um o que lhe pertence, mas vise criar entre os cidadãos condições que levem a uma igualdade de oportunidades e, consequentemente, favorecer quantos, pela sua condição social, cultura, saúde, correm o risco de ficar para trás ou ocupar sempre os últimos lugares na sociedade, sem possibilidades pessoais para se refazerem.

É o escândalo das sociedades opulentas do mundo actual, em que os ricos se tornam mais ricos porque a riqueza produz riqueza, e os pobres ficam cada vez mais pobres porque a pobreza tende a criar outra pobreza. Este escândalo não se verifica apenas ao nível de cada nação, mas apresenta dimensões que transbordam amplamente as suas fronteiras. Hoje, de modo especial, com o fenómeno da globalização dos mercados, os países ricos e desenvolvidos tendem a melhorar progressivamente a sua condição económica, enquanto os países pobres, à excepção de alguns em vias de promissor desenvolvimento, tendem a afundar-se em formas de pobreza cada vez mais penosas.

Olho com angústia para aquelas regiões do mundo que vivem atormentadas por guerras e guerrilhas sem fim, por uma fome endémica e doenças tremendas. Muitos de vós estão preocupados como eu com essa situação, que constitui, numa perspectiva cristã e humana, o mais grave pecado de injustiça do mundo moderno e deve, por isso, tocar profundamente a consciência dos cristãos de hoje, e em primeiro lugar daqueles que, detendo em suas mãos as rédeas políticas, económicas e financeiras do mundo, podem determinar, positiva ou negativamente, os destinos dos povos».

PARTILHA — O assinante 53484, de Aveiro, põe em dia a assinatura do nosso Jornal e acentua: «Caso sobre alguma migalha apliquem-na conforme entenderem para os mais pobres. É pouco, mas de boa vontade. E Deus vos ajude na grande missão do Evangelho».

S. Domingos de Raia: A assinante 14802 salda contas de duas assinaturas d'O GAIATO, e afirma que «as sobras se destinam à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Acrescenta: «Peço desculpa de só agora o fazer, mas a idade (já são 81) e a falta de saúde têm-me tirado a disposição de o fazer. No entanto, peçam também a Deus que me vá dando coragem para ir vê-lo todos os dias e trazê-lo comigo para casa». Mulher de fé!

Mais dez mil, da assinante 14699, de Linda-a-Velha: «Para ajuda aos vossos Pobres aqui vai o meu contributo algo atrasado». Não foi tarde nem cedo — foi na hora!

Perosinho (V. N. Gaia) — O assinante 9790 perora «uma oração ao Senhor pelos irmãos de Angola e do Médio Oriente, em guerra, para que os corações responsáveis se inundem de perdão, reconciliação, amor, e desapareça o ódio, a vingança e, deste modo, nasça uma paz justa e duradoura».

Assinante 31104, de Lisboa — «Internada há dois meses por motivo de saúde, não tenho

enviado nada para a vossa Conferência. A impossibilidade e não o esquecimento assim o determinou. Remeto agora um cheque para tapar a lacuna que me tem apoquentado — Abril e Maio. Há dias, li este pensamento que muito me tocou: 'Todo o amor semeado tarde ou cedo florirá'. Para a minha melhor intenção — a paz dos meus entes queridos — creio que se adaptará perfeitamente».

Leiria — Os assinantes 47307 e 49610 enviam, também, «com muito carinho, uma pequenina ajuda (vinte mil) para os Pobres. Hoje é o Dia da Mãe e aqui vai a nossa partilha. Que Nossa Senhora vos ajude todos os dias, que nós vamos ajudando cá deste lado». Curiosamente, citamos um pensamento de Leclercq, no topo da carta: «A alegria pertence aos que a dão e principalmente aos que se dão a si mesmos».

Quarenta mil, da assinante 69847, de Tomar, «que se destinam às vossas obras de misericórdia». Que bem!

Sandrina, no Depósito, do Porto, deixou ao que parece, um pequenino sobrescrito com vinte mil, muito escondidos.

S. Tomé de Negrelos (Santo Tirso): «Dez mil para que a vossa Conferência de S. Vicente de Paulo possa acudir os mais pobres. Não é muito, mas é por amor aos mais necessitados, pois eu também sou pobre». Deus lhe pague!

Seis mil, de Castelo Branco. «Donativo para os nossos irmãos mais carenciados», pela mão do assinante 10169.

Senhora da Hora — O habitual cheque de vinte mil, da assinante 57002, «minha pequena oferta de Abril, migalha que talvez possa auxiliar uma das famílias que pedem o vosso auxílio. Peço uma oração por alma do meu marido». O Matrimónio prolonga-se por todo o sempre!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, d'O Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes



Miranda do Corvo — O plantel da Casa do Gaiato.

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Desta vez não vamos falar propriamente de futebol. No entanto, depois da jornada com o Benfica, os nossos Iniciados jogaram com o Futebol Clube Tirsense, Futebol Clube de Alpendurada e Amarante Futebol Clube. O caso mais curioso aconteceu quando alguém teve a coragem de convidar um dos árbitros auxiliares a deixar a bandeirinha. É de lamentar que ainda haja quem pense em desestabilizar!... Foi uma falta de respeito e consideração para aqueles que estavam dentro do campo... O árbitro auxiliar, apesar de mais novo, teve o

bom senso de não abandonar o seu posto, demonstrando, assim, que sabe o que quer e o que estava a ali a fazer.

Mas vamos ao Atletismo. Todos os anos a Câmara Municipal de Penafiel organiza no 25 de Abril as tradicionais provas, e como sempre convidamos a Casa do Gaiato. O Daniel fez a lista e organizou todo o esquema de trabalho. Às 08h os miúdos estavam no balneário a equipar-se para a cerimónia: T-shirts, calções e sapatilhas. O calor não era muito, mas alguns conseguiram arranjar fatos de treino. Fomos então para o local das provas. Embora mais tarde do que a hora marcada, lá começaram. O Daniel com a lista na mão, encaminhava-os para a linha da meta. Enquanto se aplicavam na pista dando o seu melhor, alguns dos mais velhos

(por exemplo: «Merendas», «Truta», «Manteigas», «Azeitona», «Botija», Bruno Leonardo, etc.), espalhados no meio do monte e fora do alcance dos olhos dos entendidos na matéria, batiam palmas e incentivavam os atletas. Os miúdos precisavam de quem lhes desse força quando isolados na pista... e não no lugar dos organizadores. O «Eusébio», mas não o «pantera negra», o nosso, que chegou a entrar em provas deste género, também lá esteve a apoiar os miúdos e a recordar velhos tempos; assim como o Teixeira, que também aparece frequentemente nos jogos de futebol dos mais novos para os apoiar. Eles gostam de sentir o apoio dos mais velhos, sobretudo dos que gostam de desporto. Aliás, só apoia o futebol juvenil quem gosta verdadeiramente de desporto.

Mas vamos ao que interessa. Os nossos rapazes tiraram o primeiro, segundo e terceiro prémios por equipas, na classe de Benjamins, Infantis e Iniciados. Mais três taças para a nossa sede desportiva, que está a ficar um luxo. Para além destes três prémios, eis agora os nomes daqueles que devido à sua boa classificação, ganharam as respectivas medalhas: «Zoing» (5.º), Abílio (7.º), Licínio (8.º) e «Ratinho» (9.º). Mas não fica por aqui: o «Zoing» também ganhou um prémio, em dinheiro, por ter ficado em 5.º lugar. Com aquele dinheiro — e não foi pouco (1.000\$00)... — vai comprar uma lembrança, para guardar como recordação.

Eu já não vi. Mas pelo que sei quando o Daniel no refeitório e antes da refeição anuncia a proeza destes pequenos-grandes atletas, foi uma algazarra à mistura com algumas palmas. Assim, cada vez dá mais gosto acompanhar todos aqueles que gostam de andar no desporto pelo desporto.

Alberto («Resende»)

FESTAS

8 de Junho, 21 h., Salão da Associação Nun'Álvares de CAMPANHÁ, PORTO.

9 de Junho, 21 h., Centro Social e Cultural da Paróquia de VALBOM, GONDOMAR.

10 de Junho, 17 h., Colégio de Santa Teresa de Jesus, SANTO TIRSO.



Os mais pequenos apanham folhas num largo da nossa Aldeia de Paço de Sousa

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Maio, 64.500 exemplares.

Momentos

Grupo de Amigos

UM grupo de amigos dos arredores de Aveiro voltaram a nossa Casa em moldes de peregrinação. Faz parte da sua tradição religiosa, rezar na nossa Capela. Ouvir aqui a Palavra de Deus. Sentir o Padre Américo mais de perto. Partilhar as suas sacrificadas economias. E, sobretudo, conviver à mesa com os rapazes.

É gente do Bonsucesso, Quinta do Picado, Verdemilho, Esgueira, etc.

Saboreámos o leitão assado à moda da Bairrada e o frango tão guloso que não fartou os rapazes. Os filetes de peixe sobram, os pastéis de bacalhau ficaram para o jantar mais os doces e os bolos.

Mimos do Restaurante «O Abílio dos Frangos», cuja proprietária não se cansa de repartir connosco.

Deixaram-nos 362.500\$00 e a alma cheia de gratidão a eles e ao nosso bom Deus de que são profetas!

Cuidados e distrações

DURANTE quatro dias não houve água nas torneiras da nossa Casa. Água, em casa, à mão, é bem que só se aprecia quando falta.

O Luís Paulo tinha de ir ao dentista. A consulta estava confirmada.

Após mudar de roupa e lavar a cara numa bacia, a senhora mandou-o ir lavar os dentes. A escova e a pasta estão nas prateleiras do balneário da sua casa. Quando vejo a senhora com uma jarra de água à procura do menino pergunto pelo que se passa.

— Não me lembrei que não havia água. É para o Luís Paulo lavar a boca.

Cuidados e distrações da senhora que ficam tão bem numa Casa do Gaiato.

O trabalho

À segunda-feira, da parte da tarde, os pequenos da Escola Primária têm aulas de natação no Naval.

Quem sofre de qualquer furúnculo ou pequeno arranhão e mesmo algum que se porta mal não vai. Também são excluídos os que ainda não se integra-

ram na vida da Casa. Os professores temem que eles fujam.

Hoje ficou em Casa um grupo de cinco. A sua ocupação foi debulhar ervilhas.

O chefe era o David. Do tamanho do Rúben mas mais forte e mais capaz.

O que é que eu vejo no grande corredor? O David a arrastar o Rúben para vir trabalhar e este em grande berraria: — *Deixa-me, deixa-me!*

O novato chegou de um Centro onde durante seis meses foi objecto de trabalho. Nunca ninguém obrigou a criança a nada.

O David tem a sua razão e a sua força psicológica. É ele que, em natureza pura, conduz o irmão ao caminho que o há-de honrar — o trabalho.

Padre Acílio

Benguela

Continuação da página 1

se não levar a força da Esperança e a certeza de que não posso fazer tudo, não ficarei tranquilo.

Os inimigos das pessoas são muitos. Estou a pensar na fuga de meninas em idade escolar, algumas da nossa escola, no início da sua adolescência, para a cidade de Luanda. Vão, no geral, iniciar-se na prostituição. A família está tão fragilizada que não resiste às forças desagregadoras. Esta situação toca muito de perto a nossa vida, porque temos os olhos e o coração postos na promoção humana das

famílias ou do resto de famílias. Por isso, são feridas que nos doem.

Experimentamos também a nossa limitação para o acolhimento de crianças que deveriam ser da nossa Casa. Fiquei muito triste por dizer não a um menino que veio pela mão de pessoas conhecidas, depois de ter acompanhado ao cemitério a mãe com quem vivia. Fiquei com a esperança de que alguém o recebeu já em sua casa.

Há tanto sangue inocente a clamar por ajuda! Não escondas nunca a tua mão.

Padre Manuel António.

Em Padrão da Légua recebemos na sala quinhentas pessoas e a Festa correu muito bem. No fim, os nossos Amigos não queriam largar das cadeiras!

EXCURSÕES — Têm vindo muitas e trazem, por oferta, produtos alimentares e outros que interessam à nossa vida doméstica.

Em nome da nossa Casa, muito obrigado.

FRUTA — Muitos pêssegos já voaram; isto para não falar das pêras!

Andam aqui umas *aves de rapina* com duas pernas e duas mãos, a precisarem de ser domesticadas.

José Miguel («Melão»)

DESENHOS ANIMADOS — Morreu William Hanna que criou personagens memoráveis chamadas: Tom & Jerry e Flstones!

Durante décadas a animação televisiva fazia os lares felizes! Todas as gerações assistiam com prazer às graças dos desenhos animados!

Toda a nossa admiração para

o optimismo dos bonecos animados de William Hanna.

Manuel Amândio

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS

— Felizes os que se deixam apaixonar pelos Pobres. Eles são para nós, vicentinos, uma paixão. Têm-nos dado muitas lições porque nos obrigam a ser bons ouvintes. Não é fácil contornarmos as queixas, uma vez que estão desanimados e nós sentimo-nos impotentes para os ajudar.

Sentimo-nos felizes quando nos deixamos embalar pela paixão em prol dos nossos irmãos mais carenciados.

Por vezes, em nossas reuniões, somos um pouco agressivos, no bom sentido, porque tentamos sempre beneficiar o nosso protegido e o coração fala mais alto, mas não é por maldade. Nós já consideramos os Pobres como pessoas da família. Por isso, sofremos os seus problemas.

Os vicentinos são advogados de defesa dos Pobres que têm por Juiz o Senhor Jesus. Esse, sim, é o nosso Juiz que tem em Sua sentença o poder divino, que julga não perante a lei do homem, mas de Deus.

Pai Américo deixou-se apaixonar pelos Pobres e, hoje, os seus frutos estão à vista. É na base dessa paixão que devemos ser servidores deles, a voz dos que não podem falar, mas sem-

pre com o pensamento no Pai que nos guia no caminho da Paz e do amor ao Próximo.

Muitas famílias estão a passar dificuldades em todos os aspectos: alimentação, medicamentos, habitação, desemprego, compreensão. Mas continuamos a contar com a ajuda dos Leitores, para contarem com o nosso apoio.

Casal vicentino

O mês de Maio é o mês de Maria, Mãe de Jesus, Mãe do Céu, Mãe de todos, Mãe e Rainha de Portugal e dos portugueses.

Um mês lindo de flores, do Rosário, de Nossa Senhora de Fátima, de Fé, das Aparições, dos segredos dos três Pastorinhos.

À pergunta da Branca Senhora: — Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que vos quiser enviar em reparação dos pecados com que todos nós o ofendemos? Pela conversão de todos os pecadores? E concluiu: — Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.

Lúcia refere, ainda, que a Senhora ao pronunciar estas palavras, abriu pela primeira vez as mãos, donde se desprendeu uma Luz intensa que lhes penetrou a alma e os fez verem-se em Deus, mais claramente do que no melhor dos espelhos. Jacinta a rebentar de alegria, vai quebrar, ainda antes do fim do dia, o segredo que a prima lhe impusera. E revelou: — Ó mãe, vi hoje Nossa Senhora na Cova da Iria!

Festas

Tojal

QUASE na recta final, o entusiasmo não diminui. Os rapazes continuam a mostrar que o projecto da Casa do Gaiato é «fazer de cada rapaz um homem».

Padre Manuel Cristóvão

3 de Junho — Domingo, 15.30 h, Auditório da Igreja de RIO DE MOURO.

14 de Junho — Quinta-feira (Corpo de Deus), 21.30 h, Salão da Associação Recreativa de CASAÍNHOS.

Setúbal

2 de Junho — 21.30 h, Sociedade Filarmónica Perpetua Azeitonense, AZEITÃO.

9 de Junho — 21.30 h, Salão dos Bombeiros, SINES.

16 de Junho — 21.30 h, Fórum Luísa Todi, SETÚBAL.

MALANJE

Assim vai Portugal

PADRE Baptista anda preocupado com os dois últimos doentes que recebeu no Calvário: um rapaz acamado com o corpo todo torcido e a espinha num S; uma mulher com sida no último grau. Os pais do rapaz não o querem. A família da doente, nem vê-la! Também, não, todas as casas de doentes e associações a quem os médicos e assistência social solicitaram.

Assim vai este nosso Portugal — bem repleto de festas a todos os santos, foguetes e romarias.

Arrumam-se os velhos! Deitam-se fora os doentes! Começa soando a oco a palavra «Família»...

Bruxuleantes e frágeis, as luzinhas: fidelidade dos esposos; presença, ternura e firmeza na educação dos filhos; respeito amoroso destes para os pais.

Ai de nós!, os ensinamentos da D. Televisão lavram fundo.

Perdeu-se a autoridade dos pais; porta fora, a dos mestres na escola; longe e rota, a dos governantes na Nação.

Estamos falseando o Evangelho...

Padre Américo encontrou, certo dia, um rapaz estendido na soleira da igreja dos Congregados (Porto).

Diz ele: «*Topo uma criança estendida, junto da soleira dos Congregados. É pleno dia. O formigueiro humano passa. Alguns entram e saem a porta do templo. Como podem conhecer o Deus invisível das igrejas, se não vêem Jesus pequenino prostrado com fome à entrada da porta?!*

Urgente, o regresso à família pela vivência apaixonante do Evangelho».

Francisco que nada ouvira da visão, apenas tinha visto, confirma, ainda que contra vontade, a inconfidência da irmã.

A Aparição revela, ainda, entre outras coisas, que brevemente levará para o Céu a Jacinta e o Francisco, ficando Lúcia mais tempo na terra.

E assim se cumpriram os segredos das aparições de Fátima — e as profecias.

RECEBEMOS — Assinante 6313: «É com grande prazer que envio esta importância para o que acharem mais necessário. Deus lhes dê forças para continuarem na senda do bem-fazer em prol dos mais necessitados. Junto um cheque. Não é nada perante a vastidão das necessidades».

Dois mil, «migalhinha para os mais necessitados».

Da assinante 33275, um cheque e um estímulo: «Felicitovos pela vossa presença junto dos mais desprotegidos e peço a Deus que vos recompense com as melhores bênçãos».

Outro cheque, da assinante 22890, e palavras amigas: «O Senhor vos ajude e vos dê muita força e saúde para continuarem».

Assinante 8047, com palavras amigas, 5.000\$00. Idem, do assinante 16803, Jorge Coelho, um cheque. Assinante 9217, outro cheque. Vale de correio, de M. M., dez mil escudos.

Que Deus abençoe a todos.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Maria Germana e Augusto

Padre Telmo

RETALHOS DE VIDA

Mauro

Sou o Mauro Alexandre Lima. Nasci na Falaqueira, Venda Nova, concelho de Amadora, em 11 de Julho de 1991. Vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, no dia 1 de Outubro de 1996, com cinco anos, porque fui abandonado pelo meu pai e pela minha mãe.

O Wilson, meu irmão, também está aqui comigo. Eu ando, agora, na terceira-classe do Ensino Básico e gosto de estudar.

Gosto de estar aqui porque esta é a minha Casa. Brinco, jogo à bola e ajudo as costureiras, na roupa, fora da hora da Escola. Eu cá sou do Benfica!



Mauro

ENCONTROS EM LISBOA

Formação profissional

NÃO sei se é por causa da idade se por causa da vida toda cheia de mil coisas, o que é certo é que psicologicamente o tempo passa a alta velocidade, não nos deixando espaço para olhar melhor os acontecimentos ou, se quisermos, os contemplarmos. E, ainda com a Páscoa a soar no nosso íntimo, o fim do ano escolar está aí. Altura de aparecerem outras preocupações e olharmos noutras direcções. Construir homens, encontrar soluções, ultrapassar problemas é, seguramente, continuar o mistério pascal.

O fim do ano escolar traz-me sempre um nervoso miudinho. Não é propriamente por causa deste ou daquele chumbo. Entristece-me, mas tenho notado que continuamos acima da média nacional no que diz respeito à taxa de êxito. A minha preocupação situa-se ao nível da continuidade, sobretudo quando se trata do sexto ano ou, melhor dizendo, do segundo ano do segundo ciclo do Ensino Básico.

Tenho doze miúdos para seguir a fim de fazerem a travessia de mais três anos do terceiro ciclo do Ensino Básico. Em boa verdade, apenas metade será capaz dessa travessia, quer pela idade em que se encontram, quer pelas capacidades reveladas e, sobretudo, pelo interesse em seguir os estudos desta maneira. Alguns já têm os nove anos de escolaridade que, antes de virem para a nossa Casa, não passou da matrícula. Também têm ou se aproximam dos quinze anos, idade termo da escolaridade obrigatória. Todos me falam em fazer um curso... — mas onde se encontram eles?

Vou ter que me resignar a vê-los ir para onde não desejam ir; vou ter que me submeter às apreciações dos professores dizendo-me que eles estudam pouco, estão distraídos e se interessam pouco pelas matérias; e, depois de tudo isto, vou igualmente vê-los a desistir, sem aproveitamento, um ou dois anos passados para nada. Depois é encontrar outras saídas e, muitas

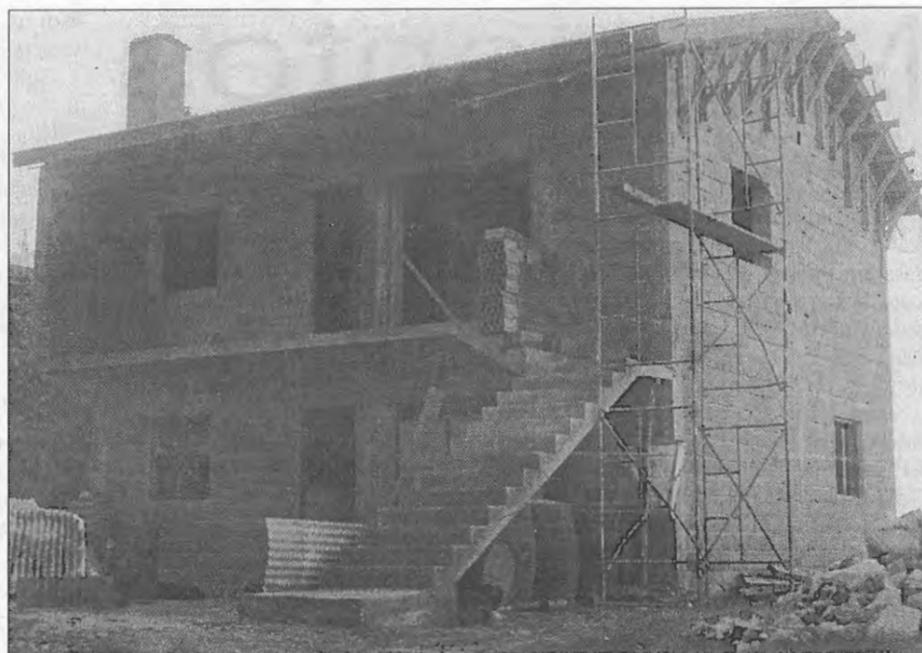
vezes, devido à idade, nem como aprendizes os querem porque, entretanto, também se foi a idade dos hábitos de trabalho.

Encheram-nos a cabeça com a existência dos cursos alternativos em regime de aprendizagem, mas quando vamos à procura descobrimos que nada existe, ou quase nada. É verdade que a partir do nono ano já começa a existir alguma coisa. E antes?

Não tenho esperança que as coisas se alterem nos próximos anos e que seja repensada a inadequada equação que passou pelos espíritos esclarecidos de quem faz as leis: Nove anos de escolaridade é igual a nono ano e é igual a quinze anos... Infelizmente, vamos nos apercebendo do erro através de todos aqueles jovens que começam a andar na barra do tribunal, dos colégios de reinserção social e, mais tarde, na prisão. Nestas coisas há sempre os mártires!

Quando desejaria que, a seguir ao sexto ano houvesse verdadeiras alternativas, com escolas adequadas e não alugueres de andares, professores mais especializados neste tipo de alunos e com uma componente profissional a sério, sem arremedos de andarem de um lado para o outro. Também aqui, pode ser que um dia feche a torneira europeia e nós nos encontremos como pobres a ter que pensar e racionar os nossos meios. Agora é um desperdício o que existe... Será que podemos ter esperança?

Padre Manuel Cristóvão



Os Pobres são os tesouros de maior valor

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Uma surpresa

FOMOS ver o gradeamento e os portões que a nossa serralharia fez e irá aplicar no muro da casa de família pobre, que vimos acompanhando há muitos meses. A casa já pronta e habitada, vai sendo acabada no terreno adjacente de modo a poder ser aprovada pelos fiscais que farão a vistoria.

Uma surpresa nos esperava na visita a esta família. Mal chegámos, a dona da casa, aflita, mandou seu filho buscar as plantas da construção para que pudéssemos ver um erro que acontecera nas obras. O mestre das mesmas, não se sabe por que razões, não fez duas janelas previstas no projecto, uma em cada piso. Vai daí, mais uma aflição começou a apouquentar esta mulher, já tão habituada a estas dores.

A nossa palavra procurou acalmá-la e dar-lhe ânimo, neste momento de grande preocupação.

Mais uma vez pudemos verificar como são tratados os Pobres, relegados para um plano de menor consideração e cuidado, só porque não têm o poder do dinheiro. Faz pena!

Aliás, estamos em crer, que a mentalidade que vem dominando nos nossos dias, é tão

só a de realizar trabalho com o único fim de obter dinheiro e não o de prestar por ele um serviço. Como se torna redutora assim a actividade humana!

Dá a impressão que nos vamos afastando cada vez mais do Evangelho, onde domina a gratuidade, onde ela é a lógica de tudo o que se faz, sempre convidando a dar, mais e mais, até à dádiva total da vida. Onde o Evangelho nos nossos dias?!

Fomos depois ver os materiais, prontos a aplicar, que farão o telhado da casa daquela família que veio há muitos anos da África de expressão portuguesa. As condições em que vivem são de cortar a alma, e não conseguimos entender como têm vivido assim ao longo de todos estes anos. Dois artistas farão os trabalhos e a família ajudará na medida das suas possibilidades.

Não queremos que fiquem por aí as melhorias. É possível fazer mais. Esta é uma oportunidade a não perder; não à maneira do mundo, mas à luz das Obras que nascem da fé. Os tesouros de maior valor são aqueles que não se corrompem pelo bicho ou pela traça, e que podemos acumular como créditos de Vida eterna.

Padre Júlio

DOCTRINA

Uma pergunta



EM um destes dias, no Bonfim (Porto), uma mulher da ilha aparece-me com um filho pela mão, a dizer que tem mais outro em casa e a rogar que tome eu aquele. O pequeno deseja, a mãe implora, terceiros movem-se para o mesmo fim. Até aqui, nada a estranhar. A mulher tem na sua vida o grande título de falar e de pedir — é viúva.

MAS ela trabalha em uma fábrica oito horas por dia. Por direito natural, o trabalho é a suficiência de todo o homem que vem a este Mundo e que pode e quer trabalhar. Esta viúva pode e quer. — Ganho quatro mil réis por dia e tenho a esmola, todas as semanas, do senhor X. Ela disse o nome do X.

PIOR. Muito pior. O trabalho não estende a mão nem aceita as esmolas que são dos Pobres. E se a gente colocasse o trabalho no seu respectivo lugar e a esmola também no seu e dêssemos a cada um aquilo que lhe pertence — isto é, ao trabalho um salário decente e a esmola a um Pobre necessitado — não seríamos muito mais felizes?!

ANDAREI eu bem avisado se abrir as portas da Casa a este pequeno que tem mãe válida, com trabalho certo; e as fechar a um das ruas, filho de ninguém? Serei justo? — pergunto.

D. Américo

(Do livro *Pão dos Pobres* — 4.º vol.)

O nosso Jornal
Nota de fecho

A GUARDEI até ao último momento poder dar notícias mais precisas sobre a chegada dos Jornais de 5 e 19 de Maio às mãos de cada um dos seus leitores.

Posso dar a mais substancial, que tirou de sobre os nossos ombros o peso de uma imensa preocupação: Foi-nos reconhecido o porte

pago. Agora há que esperar a conclusão do circuito: A decisão da Alta Autoridade para a Comunicação Social é transmitida ao Instituto da Comunicação Social que a passará ao Gabinete do Secretário de Estado para despacho; e deste voltará ao Instituto que nos dará, enfim, a credencial necessária para entre-

garmos aos Correios aquelas duas edições, mais esta.

Com um bocadinho mais de paz, sim, é ainda em ansiedade que presto este esclareci-

mento ao mundo dos nossos Leitores, alguns dos quais já deram sinal do atraso do seu Jornal. Que seja ele o ponto final de um hiato que a todos tocou e fica para a história d'O GAIATO, prometido por Pai Américo, no seu n.º 1, para «todos os quinze dias até ao fim do mundo», como acontecimento a esquecer.

Padre Carlos

PENSAMENTO

A gente não sabe nunca o bem que faz — nem o mal.

PAI AMÉRICO